

OS RÓTICOS E A CONFIGURAÇÃO DIALETAL DO PORTUGUÊS
BRASILEIRO: DE NASCENTES AO ALIB

RHOTICS AND THE DIALECTAL CONFIGURATION OF BRAZILIAN
PORTUGUESE: FROM NASCENTES TO THE ALIB

LOS RÓTICOS Y LA CONFIGURACIÓN DIALECTAL DEL
PORTUGUÉS BRASILEÑO: DE NASCENTES AL ALIB

Vanderci de Andrade Aguilera / Universidade Estadual de Londrina

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3052-3710>

Helen Cristina da Silva / Universidade Federal do Pampa/*Campus* Bagé

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0392-0315>

Tivemos, até cerca de vinte e cinco a trinta anos atrás, um dialecto bem pronunciado, no território da antiga província de S. Paulo. E' de todos sabido que o nosso falar, caipira — bastante característico para ser notado pelos mais desprevenidos como um sistema distinto e inconfundível — dominava em absoluto a grande maioria da população e estendia a sua influência à própria minoria culta. As mesmas pessoas educadas e bem falantes não se podiam esquivar a essa influência (Amadeu Amaral, 1920).

RESUMO: Os estudos dialetais no Brasil, mais especificamente os geolinguísticos, deram um salto quali-quantitativo nos últimos 25 anos, demonstrando com dados empíricos até que ponto ainda se sustenta a proposta de Nascentes (1953) acerca da divisão dialetal. Sabe-se que, basicamente, Nascentes vislumbrou essa possibilidade de divisão tomando como suporte a realização das vogais médias pretônicas. Neste trabalho, a fim de revisitar essa divisão com dados mais recentes e com base em outro aspecto fonético, o /r/ em coda silábica, fizemos primeiramente um passeio por alguns estudos realizados em todas as regiões administrativas brasileiras e, na sequência, elegemos como *corpus* as cartas fonéticas do ALiB, que tratam dos róticos em coda interna e externa coletados nas capitais. Assim sendo, os objetivos deste artigo são (i) discutir, à luz da Dialetologia Pluridimensional, a proposta de Nascentes (1953) acerca da divisão dialetal do Português falado no Brasil e (ii) comparar essa divisão com os dados obtidos pelo Atlas Linguístico do Brasil (Cardoso *et al.* 2014) no que tange às cartas fonéticas que tratam da distribuição areal dos róticos.

Palavras-chave: ALiB; divisão dialetal; dados fonéticos; róticos em coda interna e externa

ABSTRACT: Dialectal studies in Brazil, particularly those grounded in geolinguistics, have undergone a significant qualitative and quantitative advance over the past 25 years,

providing empirical evidence for assessing the extent to which Nascentes's (1953) proposal for the country's dialectal division still holds. It is known that Nascentes essentially envisioned this division based on the realization of pretonic mid vowels. In this article, in order to revisit that division using more recent data and focusing on a different phonetic aspect — the /r/ in syllable coda position — we first review a set of studies carried out across all Brazilian administrative regions and then select as our corpus the ALiB phonetic maps that examine rhotics in internal and external coda positions as collected in the state capitals. Accordingly, the objectives of this article are: (i) to discuss, in light of Pluridimensional Dialectology, Nascentes's (1953) proposal for the dialectal division of Brazilian Portuguese, and (ii) to compare that division with the data provided by the Linguistic Atlas of Brazil (Cardoso et al., 2014), specifically the phonetic maps that represent the areal distribution of rhotics.

Keywords: ALiB; dialectal division; phonetic data; rhotics in internal and external coda positions.

RESUMEN: Los estudios dialectales en Brasil, más específicamente los geolingüísticos, han experimentado un salto cualitativo y cuantitativo en los últimos 25 años, demostrando con datos empíricos en qué medida aún se sostiene la propuesta de Nascentes (1953) acerca de la división dialectal. Se sabe que, básicamente, Nascentes vislumbró esa posibilidad de división a partir de la realización de las vocales medias pretónicas. En este trabajo, con el fin de visitar dicha división a partir de datos más recientes y basados en otro aspecto fonético —el /r/ en coda silábica—, realizamos, en primer lugar, un recorrido por algunos estudios llevados a cabo en todas las regiones administrativas brasileñas y, en seguida, elegimos como corpus las cartas fonéticas del ALiB que tratan los róticos en coda interna y externa recogidos en las capitales. Así, los objetivos de este artículo son: (i) discutir, a la luz de la Dialectología Pluridimensional, la propuesta de Nascentes (1953) sobre la división dialectal del portugués hablado en Brasil y (ii) comparar dicha división con los datos obtenidos por el Atlas Lingüístico do Brasil (Cardoso et al., 2014) en lo que se refiere a las cartas fonéticas que tratan de la distribución areal de los róticos.

Palabras clave: ALiB; División dialectal; Datos fonéticos; Róticos en coda interna y externa.

Introdução

Este estudo, cuja metodologia se baseia na Geolinguística Pluridimensional (Thun, 1998), tem como objetivo comparar a distribuição diatópica dos róticos apresentada em seis cartas fonéticas do vol. 2 do *Atlas linguístico do Brasil* - ALiB (Cardoso *et al.*, 2014, p. 100-109) com a proposta da divisão dialectal do Brasil apresentada por Nascentes (1953).

As Cartas Fonéticas F04 do ALiB documentam a realização dos róticos em coda silábica interna e externa, em nomes e verbos, por meio dos dados coletados em 25

capitais brasileiras, na fala de 200 informantes estratificados quanto à idade, ao sexo e à escolaridade.

Quanto à proposta de Nascentes (1953), os falares do Português Brasileiro distribuem-se por dois grandes dialetos ou falares: do Norte e do Sul, com as subdivisões daquele em *amazônico* e *nordestino* e deste em *baiano*, *fluminense*, *mineiro* e *sulista*. Na verdade, dados fonéticos e prosódicos subsidiaram tal:

“de um modo geral se pode reconhecer uma grande divisão: norte e sul; norte até a Baía e sul, daí para baixo. No sul ha vogais protônicas abertas antes do acento (salvo determinados casos de derivação) e a cadencia é diferente da do norte. É palpável a diferença entre a fala *cantada do nortista* e a *fala descansada do sulista* (Nascentes, 1953, p. 19-20).

Embora essa proposta tenha se baseado em um caso de variação fonética vocálica, há algum tempo, dezenas de geolinguistas vêm testando as possibilidades de definir áreas dialetais a partir de dados lexicais, como os de Aguilera (2009), Ribeiro (2012), Romano e Aguilera (2014 e 2024), Aguilera; Romano (2023a; 2023b; 2023c), Martins (2023). Igualmente, dados consonantais têm se prestado a esse propósito, como os trabalhos de Mota e Jesus (2023), sobre a realização de /d/ e /t/ seguidos de /i/ fonético ou fonológico; Aguilera *et al.* (2023) e Silva (2016), sobre os róticos em posição de coda silábica interna e externa.

É conveniente lembrar que, há mais de um século, Amaral (1920, p. 21), em *O dialeto caipira*, na seção destinada à Fonética, registrou que o “r inter e post-vocálico (arara, carta) possui um valor peculiar: é línguo-palatal e guturalizado”, acrescentando:

Para o ouvido, este *r* caipira assemelha-se bastante ao *r* inglês post-vocálico. É muito provavelmente, o mesmo *r* brando dos autóctones. Estes não possuíam o *rr* forte ou vibrante, sendo de notar que com o modo de produção acima descrito é impossível obter a vibração desse último fonema.

Em nota, Amaral (1920, p. 21) adverte que “É claro que não fazemos questão da denominação, que poderá ser substituída por outra qualquer; aqui só nos interessa o fato”. Na sequência, descrevendo as consoantes, o autor observa que o *r*:

r- a) Cáí, quando final de palavra: *andá, muié, esquecê, subi, vapô, Artú*. Conserva-se entretanto, geralmente em alguns monossílabos acentuados, tendo de certo influido nisso a posição proclítica habitual: *dôr, cór, côr, par*. Conserva-se também no monossíl. átomo *por*, pela mesma razão, assim como, raras vezes, em palavras de mais de uma sílaba: *amor, suôr*. Nos verbos, ainda que monossílabos, cáí sempre, provavelmente pela influência niveladora da analogia: *vê, í, pô*. (Amaral, 1920, p. 28).

Os primeiros trabalhos, de cunho dialetológico, que incluíram os róticos na descrição de determinada área espacial, para citar apenas alguns, foram Amaral (1920), dados do interior de São Paulo; Nascentes (1953, p. 51: “R- final é pronunciado levemente pela classe culta. Os pedantes exageram. Na classe inculta cai (...)”), do Rio de Janeiro; Marroquim (1934, p. 30-31), de Alagoas e Pernambuco (“povo elimina invariavelmente o *r* quando naquela posição final. Será isso, porém um influência da língua do índio (...)?”), Rodrigues (1974, p. 162-163), que registrou, além da fricativa laríngea [h], a variante líquida vibrante retroflexa (ou cacuminal), em posição intervocálica [kaʁ'neɾu], na região de Piracicaba-São Paulo.

Há mais de cinco décadas, se considerarmos como pioneiro o artigo de Head (1973), a realização dos róticos ou vibrantes, em dados empíricos coletados no Português falado no Brasil, vêm despertando o interesse dos pesquisadores de uma forma crescente em discussões no formato de artigos, monografias, dissertações e teses. São dezenas (não seria exagero afirmar que chegam a uma centena) de trabalhos desenvolvidos sob enfoques teóricos os mais diversos: dialetológico, geolinguístico, sociolinguístico (incluindo os de percepções e atitudes), fonético-articulatório, acústico, sociofonético, etimológico, entre outros.

Esse elevado número de estudos sobre os róticos, segundo Hora & Monaretto (2003, p. 116), se justifica pela sua elevada frequência de aparecimento e às múltiplas formas que podem assumir nos vários contextos intralinguísticos (coda interna e externa, posição de ataque, verbos e não-verbos) e motivadas por fatores extralinguísticos, como diatópico, diasssexual, diageracional, diafásico, diarreferencial, diamésico, entre outros.

Sob o viés da fonética articulatória e da sociolinguística, Head (1973, 1987) analisa a distribuição areal do [ɾ] a partir dos atlas linguísticos existentes na época e examina, e refuta, as hipóteses sobre a origem deste fone, propondo outra baseada em variáveis linguísticas. Reconhece, todavia, que

Uma vez que o “*r* retroflexo” é reconhecido como variante típica de algumas formas da língua portuguesa no Brasil, pelo menos em alguns trabalhos, haverá todo o interesse em determinar: (1) qual a sua extensão geográfica, e (2) qual a realização retroflexa e outros processos de alternância que caracterizam o português do Brasil, sobretudo nas mesmas regiões e nos mesmos domínios sociais onde se encontra a variante “retroflexa” (Head, 1987, p. 17).

Sobre o item (1), podemos afirmar que hoje dispomos de dados que recobrem 250 localidades distribuídas pelos 26 estados brasileiros, graças ao empenho da equipe do Projeto ALiB. Sobre o item (2), o ALiB também incluiu no *Questionário Fonético Fonológico* questões sobre a realização de /l/ em coda interna e externa e em encontros consonantais cujos dados podem subsidiar reflexões sobre a relação entre esse fonema e o /R/.

Quanto à abordagem geolinguística, os primeiros atlas estaduais concluídos e ou publicados no Brasil (Rossi, 1963; Ribeiro et al, 1977; Ferreira *et al.* 1984; Aguilera, 1994; Altino, 2007; Oliveira, 2007), que trazem cartas lexicais contendo o /r/ em coda interna e externa, têm subsidiado estudos diversos, como a tese desenvolvida por Castro (2006), com dados do ALPR (Aguilera, 1994) e a dissertação de Silva (2012), com *corpus* do EALMG (Ribeiro *et al.*, 1977), comparando-o com dados atuais do ALiB.

Na abordagem acústica, citamos Rennieke (2016) que analisa a variação dos róticos no PB com base em um *corpus* coletado em Lavras – MG, à luz do modelo de exemplares. Para a autora, “a rede de róticos é específica de cada língua porque é formada em interação com outros elementos do sistema fonológico” o que a leva a concluir que a “sobreposição de variantes anteriores e posteriores em coda silábica indica que o contraste entre R-forte e r-fraco pode ser caracterizado como um *quase-contraste*” (Rennieke, 2016, p. 70).

Sob o olhar da Sociofonética, Chaves e Seara (2021) procederam a uma análise acústica das variantes dos sons de r-forte na fala de descendentes italianos da cidade de Rio do Sul, Alto Vale do Itajaí – SC e constataram que “os descendentes italianos da comunidade estudada produzem, como r-forte, diferentes variantes, além do tepe [r]”, resultados que parecem sofrer a influência dos fatores: idade, identidade e região de origem.

1. Estudos sobre os róticos: síntese e perspectivas geolinguísticas

Até onde pudemos apurar, a maioria das pesquisas sobre a realização dos róticos no PB se concentra nas regiões Sudeste e Sul. Nesse aspecto, a busca de referências nos permite afirmar que, inicialmente, grande parte dos trabalhos foi realizado por Callou, seja em pesquisa individual ou em coautoria conforme atestamos, na sequência, com alguns trabalhos selecionados para ilustrar essa assertiva.

1.1 Sobre estudos na Região Sudeste

Iniciando em 1987, com dados da fala culta da cidade do Rio de Janeiro, Callou verifica que, na década de 70, predomina a fricativa velar em contexto de coda interna. Quanto à posição de coda silábica externa, a preferência é pelo apagamento ou a aspiração do R. Callou (1987, p. 147) conclui, também, que a “mudança da norma de pronúncia estaria mais avançada entre as mulheres, em todos os contextos, embora mais flagrante em posição inicial, em contraste nítido com os falantes do gênero masculino”.

Em trabalho posterior, Callou, Moraes e Leite (1996) elegem como *corpus* dois fenômenos fonéticos: a realização das vogais médias pretônicas e a do R em trava silábica nos cinco centros urbanos do Projeto NURC (Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre), com base nas amostras da década de 1970. A posição do rótico, no vocábulo, foi selecionada como mais significativa e exigiu análise separada uma vez que a posição final (externa) constitui o ambiente em que o apagamento se dá mais frequentemente. Em síntese, os autores concluem que

Duas décadas depois, Callou e Brandão (2016) reconhecem que caracterizar áreas dialetais é tarefa das mais complexas, sobretudo no Brasil, dado que,

de um lado, nem sempre um conjunto de variáveis apresenta resultados convergentes em determinadas áreas; de outro, as variantes que elas englobam por vezes se encontram representadas, com maior ou menor frequência, na fala de todo o país. Apesar dessas dificuldades, algumas variáveis vêm sendo apontadas como suscetíveis de propiciar, se não uma delimitação precisa, pelo menos uma macrodivisão linguística, com base em índices percentuais (Callou; Brandão, 2016, p. 97-98).

Esse estudo de Callou e Brandão (2016), sobre a arealização dos róticos em *corpora* de diversas sincronias, levou-as a concluir,

que os róticos estão sujeitos a dois processos – um de posteriorização, paralelo ao de fricativização, e outro de apagamento – que guardam relação entre si, uma vez que os dialetos que mantêm a articulação vibrante anterior correspondem àqueles que preservam mais o segmento. De um lado, a mudança de ponto de articulação, de anterior para posterior, parece representar uma tendência universal (Granda Gutiérrez, 1966; Martinet, 1969; Pahlsson, 1972; Callou, 1987); de outro, o processo de apagamento, em posição de coda silábica final, (i) teria implicações no processo de simplificação da estrutura silábica, e tem sido explicado pela fonética articulatória, mais recentemente, também pela fonologia prosódica; e (ii) o processo se dá abaixo do nível de consciência do falante, uma mudança ‘de baixo para cima’, portanto (Callou; Brandão, 2016, p. 97-98).

Em dados de São Paulo, Oushiro e Mendes (2014), fundamentados nas considerações de Weinreich, Labov, Herzog. (2006) sobre o encaixamento e a implementação da mudança linguística, comparam três estágios¹ da mudança linguística do (-r) em coda silábica e analisam os condicionamentos sociais e linguísticos do apagamento variável de (-r) em coda silábica. Resumindo, os autores expõem que

os resultados indicam que, nos estágios iniciais, a variação é condicionada apenas por fatores internos; nos estágios finais, prevalece o *estilo* (definido como grau de atenção à fala – Labov, 2001), o que aponta para a natureza supravornacular da manutenção de (-r) em certos contextos (Oushiro; Mendes, 2014, p. 251).

Nesse conjunto de estudos, destacam-se as contribuições de Silva (2012, 2016, 2023), que analisa os róticos em coda silábica no Sudeste, tomando o /r/ retroflexo como eixo central da investigação. Em sua dissertação (2012), ao comparar três sincronias distintas – os dados do *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (Ribeiro *et al.*, 1977), os dados coletados pela própria autora em 2011 e o material inédito do ALiB (2009) –, descreve o comportamento rótico no Triângulo Mineiro e demonstra, em tempo real e aparente, que o /r/ retroflexo permanece predominante frente às variantes glotal e velar. A autora observa ainda que os homens jovens apresentam índices mais elevados de uso da retroflexa, o que sugere a continuidade da variante mesmo em cenários de competição fonética.

Em sua tese *Pelas veredas do /r/ retroflexo* (2016), Silva amplia a análise para 80 localidades e 336 informantes da Região Sudeste, com base em dados inéditos do ALiB, e registra que o /r/ retroflexo constitui a realização de maior extensão territorial no interior paulista e nas regiões do sul e do Triângulo mineiro, enquanto as fricativas glotal e velar apresentam maior vitalidade na porção centro-norte de Minas Gerais, no Rio de Janeiro e no Espírito Santo. A presença do tepe, embora menos frequente, é registrada sobretudo na capital paulista e em sua região metropolitana.

O mapeamento rótico da Região Sudeste, elaborado com o QGIS na tese de Silva (2016) e publicado posteriormente em 2023, inaugura o uso de Sistemas de Informação Geográfica à cartografia fonética no Brasil. A fotografia linguística oferecida pelas cartas confirma que, embora a glotal e a velar apresentem vitalidade em áreas litorâneas e

¹ Comparam-se três estágios da mudança linguística: seu final (quando morfema de infinitivo), um intermediário (em outras classes de palavras) e um inicial (quando se consideram apenas substantivos e adjetivos).

grandes centros urbanos, é a retroflexa que constitui os blocos de maior concentração territorial, sugerindo expansão em zonas interioranas. Os resultados cartográficos reforçam, ainda, a associação entre a arealização da retroflexa e antigas rotas das bandeiras paulistas, aludida pela autora já na tese de 2016.

Do ponto de vista linguístico, os estudos de Silva, em diálogo com os resultados de Callou (1987) e de Callou, Moraes e Leite (1996), constatam que, entre os verbos, processos de apagamento e de posteriorização ocorrem com maior frequência, enquanto, nos nomes, a retroflexa se mantém mais estável.

1.2 Sobre estudos na Região Sul

Na Região Sul, destaca-se Monaretto (1992, 1994, 1997, 1999, 2000, 2002, 2003). Em artigo publicado em 2000, sobre o apagamento da pós-vocálica na fala do Sul do Brasil, Monaretto, por meio dos dados do VARSUL, demonstra que esse processo é encontrado basicamente em final de palavra, em verbos no infinitivo e que a localidade também desempenha papel para seu emprego.

Em 2008, juntamente com Brescancini, verificaram que essa variável está condicionada pelo grupo geográfico e pela posição que ocupa na sílaba. Na posição de ataque, as fricativas velares são mais frequentes em Porto Alegre, Florianópolis e Londrina. Na posição de coda em final de palavra, registraram (o que foi confirmado em estudos posteriores) a maior frequência do apagamento, enquanto em coda medial destaca-se o tepe. No primeiro caso, em se tratando de verbos no infinitivo e na faixa etária mais jovem, o processo caminha para uma situação de mudança. No caso de não-verbos, os monossílabos e o rótico em sílaba átona são mais propensos ao apagamento.

Ampliando o foco da análise dos róticos, Rockenbach e Battisti (2021) examinaram a produção, percepção e avaliação linguística do apagamento de /R/ em dados de fala de 16 entrevistas, no Português de Porto Alegre, com os objetivos de (i) esclarecer os fatores linguísticos e sociais relativamente ao apagamento do rótico, e (ii) verificar se o apagamento possui significados sociais. Para tanto, realizaram duas análises: a quantitativa e um teste-piloto de percepção e avaliação linguística. As autoras constataram que o apagamento do /R/ em Porto Alegre é condicionado por variáveis linguísticas e parece estar em estabilidade na comunidade.

Comparando dados geolinguísticos do Paraná e de Minas Gerais, Castro (2006), em sua tese de doutorado, propõe “verificar a presença de traços fonéticos e lexicais do dialeto caipira em Minas Gerais e no Paraná, com base nos dados do *Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais* (Ribeiro *et al.*, 1977) e do *Atlas lingüístico do Paraná* (Aguilera 1994)”. Com referência ao nível fonético, interessa-nos verificar as conclusões de Castro sobre o retroflexo em final de sílaba e em posição intervocálica e o apagamento do /r/ em final de palavra. Conclui a autora que, dentre as variáveis analisadas, somente o retroflexo exibe o caráter de uma variante mais propriamente geográfica, “uma vez que ocorre em áreas que refletem a influência paulista; ou por se encontrarem próximas a São Paulo, e/ou porque historicamente correspondem a áreas de penetração dos paulistas”. (Castro, 2006). Nas palavras de Castro:

Nesse sentido, o que atestamos em nosso *corpus* foi uma ocorrência nítida do "r caipira" em uma determinada área tanto em Minas como no Paraná. Nessas áreas ocorreram simultaneamente variantes fonéticas populares que, se por um lado são mais gerais no país, por outro lado são também integrantes do que Amaral descreveu como o dialeto caipira (Castro, 2006, p. 276).

1.3 Sobre estudos na Região Centro-Oeste

Dando prosseguimento a suas pesquisas, Castro (2013) dedica-se a verificar a realização, distribuição e concentração do “r caipira” em coda silábica interna e externa de palavras, usando como *corpus* as cartas do *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul* (Oliveira, 2007). A autora conclui que, “atestado em todas as localidades investigadas, como variante exclusiva ou nitidamente predominante”, sinaliza a “influência do dialeto caipira nesse território, historicamente explicada pela atuação dos bandeirantes paulistas no povoamento dessa região” (Castro, 2013, p. 573).

1.4 Sobre estudos da Região Norte

Para representar os estudos sobre os róticos na Região Norte, temos o trabalho recente de Sanches e Camarão (2020) que fazem uma descrição dos róticos em coda silábica no falar amapaense, com base nos dados da carta Fonética F05² do *Atlas*

² A carta F05 traz a realização do (-r) nos seguintes itens: *torneira, gordura, fervendo, árvore, borboleta, tarde, catorze, pernambucano, certo, perdão, perfume, dormindo, perdida, perguntar e esquerdo*.

Linguístico do Amapá -ALAP (Razky; Ribeiro; Sanches, 2017). Os autores registraram, nos itens analisados, a presença da glotal em 83% e a sua ausência em 17%.

1.5 Sobre estudos na área do Território Incaracterístico

Decorridos mais de 60 anos, a proposta de divisão dialetal de Nascentes (1953) motivou Cuba (2015) a percorrer onze localidades distribuídas pelo então denominado *território incaracterístico*, com o objetivo de “documentar e descrever, por meio da elaboração do *Atlas Linguístico Topodinâmico do Território Incaracterístico* – ALTTI, as variedades do português” falado naquela área, em dados de oito informantes por localidade, estratificados segundo o sexo, a faixa etária e a procedência (migrantes e filhos de migrantes).

A carta 007, que traz a distribuição dos róticos em coda silábica interna, mostra a predominância da retroflexa em 64% dos dados, seguida da glotal em 20% e do tepe com 11%. A Carta 008 - /R/ em coda silábica externa em nomes indica maior frequência para o apagamento (49%), seguida da retroflexa (40%).

Ao final, Cuba propõe substituir a denominação *território incaracterístico* por *território multidialetal* uma vez que os dados indicaram

a existência de duas áreas dialetais na Região tomada como espaço de pesquisa que mostram, de modo geral, o contato entre duas principais frentes migratórias: uma mais nortista, que segue os caminhos do garimpo e da extração vegetal, que se estende a leste e a oeste do “território incaracterístico”, e outra mais sulista que avança, sobretudo, para o centro da área de estudo, acompanhando o caminho das rodovias BR 163, BR 164 e BR (Cuba, 2015, p. 218).

2. Procedimentos metodológicos

Um dos objetivos deste trabalho, como já expusemos, é comparar a divisão dialetal de Nascentes (1953) com os resultados expostos nas cartas F05 do vol. 2 do ALiB (2014) referentes aos róticos em coda interna e externa. Sendo assim, para proceder à análise dos dados e facilitar a visualização das áreas e subáreas dialetais, trazemos uma adaptação colorida do mapa de Nascentes (1953).



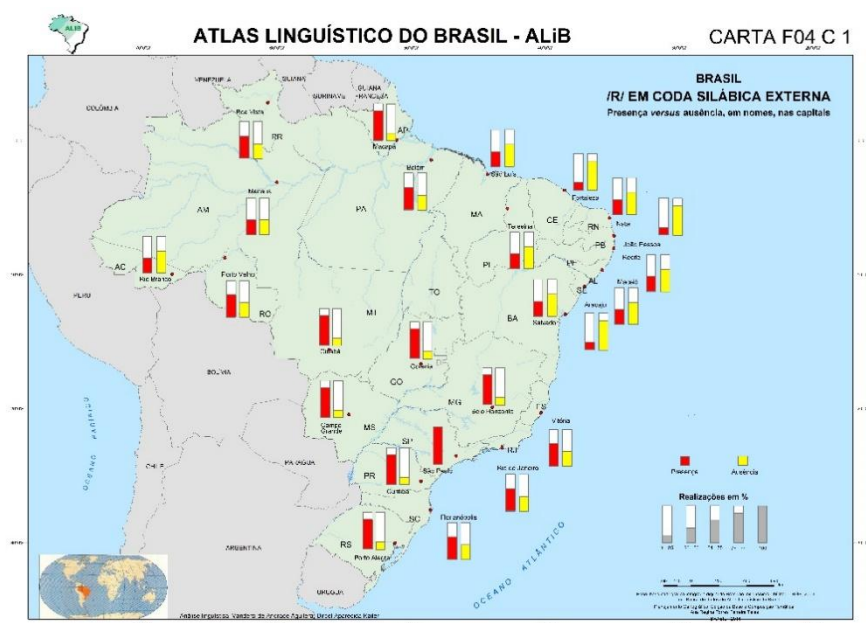
Fonte: Adaptado de Nascentes (1953) por Kika Milani.

O *corpus* analisado neste estudo constitui-se de seis cartas fonéticas do volume 2 do Atlas Linguístico do Brasil -ALiB (Cardoso *et al.*, 2014): (i) a Carta F04 C1, que apresenta a distribuição do /r/ em coda silábica externa, indicando a presença ou a ausência do rótico em nomes; (ii) a Carta F04 C2, que mostra a presença ou a ausência do rótico em verbos, também em coda silábica externa; (iii) a Carta F04 C3, que documenta as realizações fricativas e vibrantes do /r/ em coda silábica externa em nomes; (iv) a Carta F04 C4, que registra as realizações fricativas e vibrantes do /r/ em coda silábica externa em verbos; (v) a Carta F04 C5, que retrata a presença ou a ausência do rótico em coda silábica interna; e, por fim, (vi) a Carta F04 C6, que traz a distribuição geral dos róticos, em coda interna, no conjunto das capitais brasileiras. Ao final da análise do *corpus*, apresentamos a comparação entre os dados levantados e a proposta de divisão dialetal de Nascentes (1953).

3. Análise do /r/ em coda externa em nomes e verbos: presença *versus* ausência

A Carta F04 C1 (figura 2), que trata da presença *versus* ausência do /r/ em coda silábica externa em nomes, mostra que o apagamento do rótico é mais frequente nas capitais do Norte e do Nordeste, enquanto a manutenção do segmento ocorre com maior regularidade no Centro-Oeste, Sudeste e Sul do país. Esse comportamento revela um contraste gradual entre as regiões, no qual o enfraquecimento do /r/ tende a associar-se às variedades setentrionais e a sua conservação, às meridionais. Ainda que o fenômeno não delimite de forma rígida uma fronteira dialetal, a distribuição dos dados confirma a existência de padrões fonéticos regionais que dialogam, em parte, com a bipartição Norte/Sul proposta por Nascentes (1953), mas que também indicam zonas de transição e sobreposição.

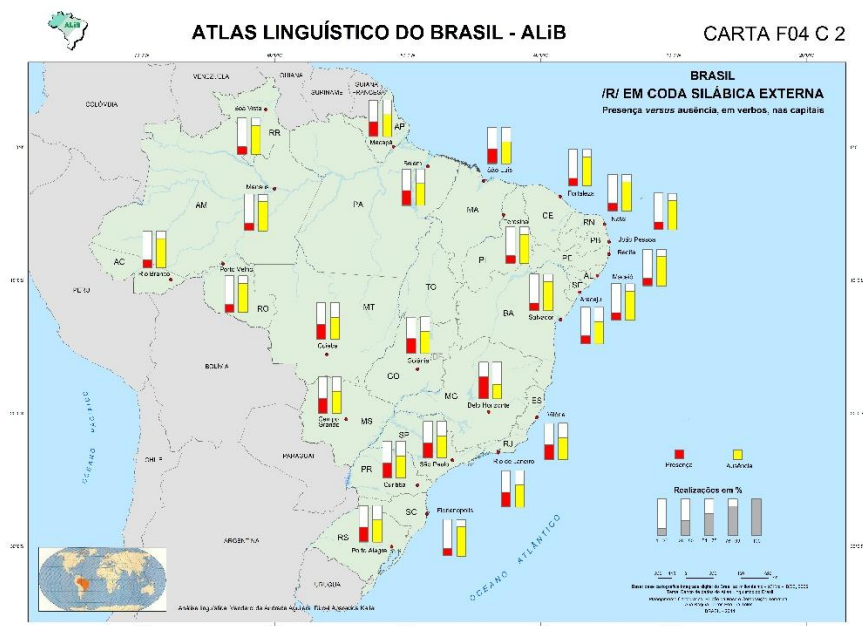
Figura 2. Carta F04 C 1 - /r/ em coda silábica externa em nomes



Fonte: Atlas Linguístico do Brasil. Cartas Linguísticas v. 2. (Cardoso *et al*, 2014, pág. 100)

No que diz respeito ao /r/, em coda externa em verbos, a Carta F04 C2 (Figura 3) apresenta uma distribuição que, em linhas gerais, se aproxima do padrão observado para os nomes, ainda que com diferenças relevantes. De modo geral, o apagamento do /r/ é mais recorrente em praticamente todas as regiões administrativas do país, com exceção de Belo Horizonte, onde a presença do rótico supera ligeiramente a ausência. Nas capitais das regiões Nordeste e Norte, os índices de apagamento, em sua maioria, ultrapassam 70%, alcançando, em diversas localidades, percentuais entre 76% e 99%.

Figura 3. Carta F04 C 2 - /r/ em coda silábica externa em verbos



Fonte: Atlas Linguístico do Brasil. Cartas Linguísticas v. 2. (Cardoso *et al.* 2014, pág. 101)

Do ponto de vista linguístico, a tendência ao apagamento do rótico em coda externa constitui um processo fonético consolidado no Português Brasileiro, de natureza funcional e não estigmatizada, presente em diferentes regiões e classes sociais, conforme atestam diversos estudos, como os de Callou, Moraes e Leite (1996), Hora (2009), Silva (2016), Barreto e Massini-Cagliari (2019) e Rockenbach e Battisti (2021). Tal fenômeno explica-se, em parte, pela regularidade morfológica do paradigma verbal, que promove o nivelamento das terminações e favorece o enfraquecimento do rótico em posição final.

Além dos fatores morfológicos e prosódicos, investigações recentes têm demonstrado a correlação entre o apagamento e a natureza articulatória posterior do rótico, especialmente nas variedades em que este se realiza como fricativa velar, uvular ou glotal. Howson e Kochetov (2018), a partir de análise gestual, demonstraram que o deslocamento dorsal da articulação reduz a amplitude gestual do /r/ e, conseqüentemente, favorece sua lenição ou supressão.

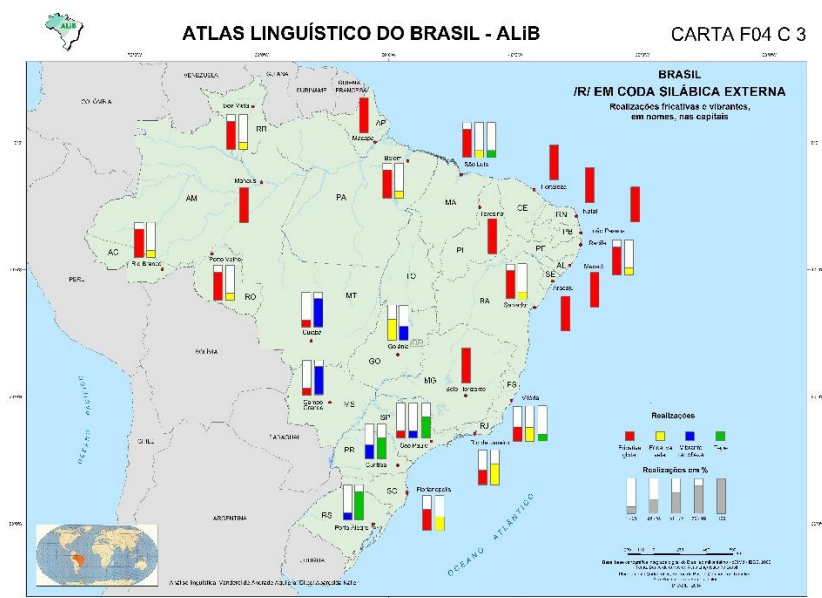
Em consonância com essas análises, Castro (2013) e Aguilera e Kailer (2015) já haviam apontado que o apagamento do /r/ em coda externa é mais frequente nas regiões em que predominam róticos posteriores (velares e glotais), o que sugere uma relação direta entre o ponto de articulação e o grau de estabilidade segmental. Os dados do ALiB confirmam essa tendência, pois o fenômeno ocorre com maior intensidade nas regiões Norte e Nordeste, onde os róticos característicos são posteriores, frequentemente realizados como [h] ou [x]. Nessas áreas, o apagamento representa a etapa final de um

continuum de lenição, que vai da fricativização à elisão completa, conforme também documentado por Brandão (2007) e Brescancini e Monaretto (2008) para o Sul e Sudeste do país.

3.1 Análise das realizações fricativas e vibrantes de /r/, em coda externa em nomes (Carta F04 C 3) e em verbos (Carta F04 C 4)

A Carta F04 C3 (Figura 4), que traz a distribuição das realizações fricativas e vibrantes do /r/ em coda silábica externa em nomes, revela um quadro de variação articulatória que distingue de modo claro as regiões setentrionais das meridionais. Nas capitais do Norte e do Nordeste, predominam realizações fricativas e aspiradas, geralmente dorsais, representadas por [h] e [x], o que confirma a ampla difusão dos róticos posteriores nessas áreas.

Figura 4. Carta F04 C 3 - /r/ em coda silábica externa: realizações fricativas e vibrantes em nomes, nas capitais



Fonte: Atlas Linguístico do Brasil. Cartas Linguísticas v. 2. (Cardoso *et al.* 2014, pág. 103)

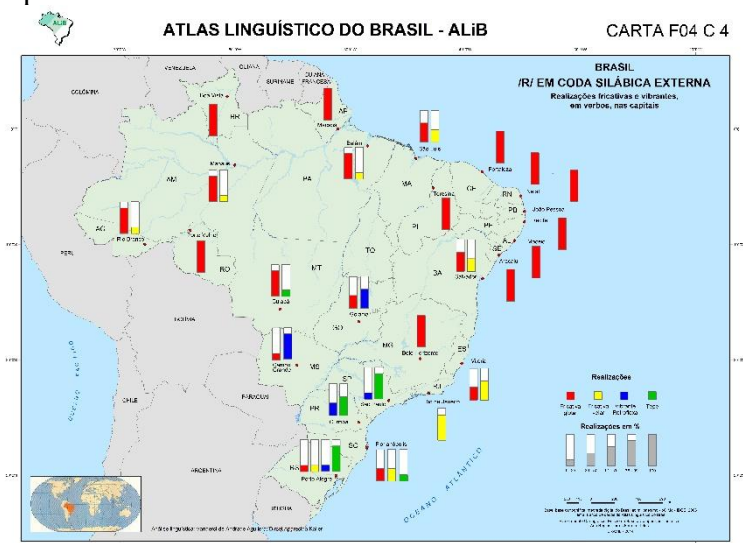
Nas regiões Centro-Oeste, o padrão observado é predominantemente não fricativo, marcado pela presença do retroflexo [ɽ], embora Goiânia apresente uma participação mais expressiva da variante velar. O [ɽ] ocorre com alta porcentagem em

Cuiabá e Campo Grande, e de forma menos intensa em Goiânia, configurando um núcleo articulatorio aparentemente estável na Região. No Sul, esse mesmo rótico também se faz presente nas capitais de Curitiba e Porto Alegre, o que reforça a continuidade diatópica desse traço entre o Centro-Oeste e o extremo meridional do país.

No Sudeste, as realizações fricativas voltam a ganhar força, representando de modo geral a realidade rótica predominante no contexto analisado, com exceção de São Paulo, onde o tepe [r] é o rótico majoritário. É interessante observar que a faixa litorânea do Sudeste, assim como a capital catarinense (Florianópolis), segue a tendência fricativa característica do Nordeste. Essa convergência delinea um corredor costeiro que contrasta com o interior centro-sul, onde predominam os róticos retroflexos e alveolares.

A Carta F04 C4 (Figura 5), referente às realizações fricativas e vibrantes do /r/ em coda silábica externa em verbos, confirma o mesmo desenho areal observado para os nomes, com pequenas variações de intensidade entre as capitais. As fricativas glotal [h] e velar [x] continuam dominantes nas regiões Norte e Nordeste, estendendo-se ao litoral do Sudeste, especialmente nas capitais Rio de Janeiro e Vitória, e alcançando Florianópolis, ainda que com menor frequência. Na região Centro-Oeste, prevalece o retroflexo [ɽ], com destaque para Campo Grande e Goiânia; sua ocorrência, embora menos expressiva, abrange também São Paulo, Curitiba e Porto Alegre. Em Goiânia, o equilíbrio entre retroflexas e fricativas confirma seu papel de área de transição entre os dois grandes domínios articulatorios, conforme já apontado na análise dos nomes.

Figura 5. Carta F04 C 4 - /r/ em coda silábica externa: realizações fricativas e vibrantes em verbos, nas capitais



Fonte: Atlas Linguístico do Brasil. Cartas Linguísticas v. 2. (Cardoso *et al.*, 2014 pág. 103)

A análise conjunta das Cartas F04 C3 e F04 C4 (Figuras 4 e 5, respectivamente) atesta uma consistência espacial das variantes, independentemente da classe gramatical (nomes ou verbos). Embora o contexto verbal tenda a favorecer o apagamento, a distribuição areal dos róticos mantém-se significativamente parecida, reforçando o papel do fator geográfico nessa organização. O litoral norte-nordestino e parte do litoral sudeste e sul configuram-se como faixas de posteriorização e fricativização, enquanto o interior centro-meridional forma um eixo retroflexo e alveolar.

Essa configuração aponta que a divisão horizontal Norte/Sul já não descreve adequadamente o cenário atual do português brasileiro, substituída por um modelo vertical e pluridimensional, no qual os limites dialetais se expressam como faixas graduais de variação articulatória, e não como fronteiras fixas entre falares.

Concluída a análise dos róticos em coda externa, avançamos para os dados da coda interna, apresentados nas Cartas F04 C5 e F04 C6, que permitem o estudo da distribuição das variantes em um contexto menos sujeito ao apagamento.

3.2 Análise do /r/ em coda interna em nomes e verbos: presença *versus* ausência

A Carta F04 C5 (Figura 6), que documenta a presença e a ausência do /r/ em coda silábica interna nas capitais brasileiras, em contraste com o comportamento da coda externa, mais suscetível ao apagamento e à lenição, revela um quadro fonético menos propenso à supressão do rótico e marcado por baixa dispersão areal da ausência. Em 13 das 25 capitais, a presença do segmento é categórica, e nas demais apresenta-se em níveis elevados, situando-se entre 76% e 99%.

Figura 6. Carta F04 C 5 - /r/ em coda silábica interna: presença *versus* ausências, em nomes e verbos, nas capitais

Figura 7. Carta F04 C 6 - /r/ em coda silábica interna: realizações fricativas e vibrantes, em nomes e verbos, nas capitais



Fonte: Atlas Linguístico do Brasil. Cartas Linguísticas v. 2. (Cardoso *et al.*, 2014, pág. 109)

As realizações fricativas predominam nas capitais do Norte e do Nordeste, configurando um contínuo setentrional já identificado nas cartas de coda externa, ainda que, nesse contexto, com maior estabilidade. Trata-se, sobretudo, das fricativas glotais e velares, que se distribuem de forma relativamente uniforme ao longo do litoral e do interior dessas regiões, mantendo o padrão de posteriorização característico de seus falares.

As realizações retroflexas formam um núcleo articulatório, concentrado no interior do país. Esse bloco abrange capitais do Centro-Oeste, do Sul e do Sudeste, compondo um eixo centro-meridional que coincide com resultados já documentados por Brandão (2007), Castro (2013) e Silva (2012, 2016, 2023).

No que diz respeito ao tepe, a Carta F04 C6 mostra que esse rótico apresenta um comportamento geograficamente concentrado no Sul do país, única região em que ocorre de modo mais consistente em coda interna. Nas demais regiões, sua presença é reduzida ou inexistente. Essa distribuição localizada sugere que o tepe, nesse contexto fonológico, mantém vitalidade vinculada aos falares meridionais, contrastando nitidamente com a ampla extensão das fricativas nas regiões setentrionais e com o eixo retroflexo centro-meridional.

3.3 A divisão de Nascentes *versus* os dados do ALiB, acerca do /r/ em coda silábica

A comparação entre a distribuição dos róticos nas cartas F04 do ALiB e a divisão proposta por Nascentes (1953) (Figura 1) aponta que a distribuição areal das variantes do /r/, em coda silábica, no português brasileiro não segue o modelo horizontal clássico, baseado na oposição entre Norte e Sul. A linha Bahia–Minas–Rio, sugerida pelo autor como fronteira entre dois domínios dialetais, não encontra correspondência sistemática na organização espacial revelada pelos dados analisados.

Nas cartas que tratam da supressão do rótico, a distribuição do apagamento forma um corredor que se estende ao longo do litoral norte-nordestino e avança pelo litoral do Sul do país, compondo um espaço contínuo que não se alinha ao recorte horizontal de Nascentes, pois reúne capitais pertencentes aos dois lados de sua fronteira dialetal. Ao mesmo tempo, as capitais do Centro-Oeste, regiões do interior do Sudeste e do Sul apresentam percentuais muito reduzidos de apagamento, configurando um bloco interiorano de manutenção do segmento que atravessa diferentes latitudes e, portanto, contraria o modelo bipartido original.

A Carta F04 C6 reforça essa interpretação, pois as realizações fricativas, predominantes no litoral do Norte e do Nordeste e presentes também no litoral do Sudeste e do Sul, compõem um eixo contínuo de posteriorização rótica ao longo da faixa atlântica. Esse eixo não se limita a um dialeto do Norte, como proposto por Nascentes, mas constitui uma zona articulatória longitudinal, marcada pelo contato histórico com outras línguas, pela urbanização intensa e pelo padrão de variação atestado em estudos sociolinguísticos. Em oposição a esse corredor litorâneo fricativo, observamos o eixo retroflexo centro-meridional, que abrange as regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul, formando um bloco articulatório que também não se ajusta aos limites horizontais da divisão clássica.

Mesmo as vibrantes alveolares, cuja presença é restrita, revelam uma organização afastada do modelo proposto por Nascentes. Sua distribuição localizada no Sul não produz um subdialeto próprio, mas confirma o caráter longitudinal das áreas róticas: trata-se de um foco regional meridional que convive com o eixo retroflexo interiorano e se distingue tanto do corredor fricativo litorâneo quanto do grupo de capitais onde o apagamento é mais frequente.

A análise da coda interna reforça ainda mais o distanciamento entre os dados do ALiB e a divisão do autor. Nessa posição, a presença do rótico é categórica ou quase categórica em grande parte do país, e os poucos casos de ausência ficam concentrados no Nordeste, sem configurar uma área dialetal autônoma. Assim, a dimensão diatópica exerce influência reduzida nesse contexto, e a distribuição do /r/ não sugere qualquer fronteira significativa que corresponda à linha Bahia–Minas–Rio proposta por Nascentes.

Considerando o conjunto das cartas, identificamos três grandes zonas articulatórias longitudinais: (i) um corredor fricativo litorâneo que se estende do Norte ao Sul; (ii) um eixo retroflexo centro-meridional que abrange Centro-Oeste, o Sudeste, e o Sul; e (iii) áreas de transição, sobretudo em Goiás e partes de Minas Gerais, onde retroflexas e fricativas coexistem ou se equilibram. Essas zonas configuram um desenho espacial verticalizado, já sugerido em estudos anteriores, como os de Brandão (2007), Castro (2013) e Silva (2016), que contrasta diretamente com a proposta horizontal de Nascentes.

Dessa forma, os dados do ALiB permitem concluir que a divisão dialetal sugerida por Nascentes (1953) para o português brasileiro não se sustenta quando examinamos o comportamento do /r/ em coda silábica. Em vez de reforçar a oposição entre Norte e Sul, as cartas revelam que os róticos organizam-se em faixas longitudinais que atravessam diferentes latitudes e acompanham trajetórias históricas de ocupação e mobilidade populacional. Assim, o estudo do /r/ em coda silábica contribui para a revisão crítica da divisão clássica e para a compreensão de que a geografia linguística do Brasil exige modelos que considerem dinâmicas espaciais mais complexas e não necessariamente alinhadas às fronteiras horizontais tradicionais.

Conclusões

Os resultados do *corpus* analisado, associados aos estudos recentes de base geolinguística e sociolinguística, sugerem, em que pese o fator distância de sete décadas, que o espaço dialetal brasileiro não pode mais ser representado adequadamente pela bipartição Norte/Sul proposta por Nascentes (1953).

A análise dos róticos mostra que os traços fonéticos se distribuem segundo corredores longitudinais, mais coerentes com os padrões de variação revelados pelo *Atlas Linguístico do Brasil* e pelos atlas regionais. Trabalhos como o de Aguilera (2009) que

comprovou com dados lexicais a necessidade de incluir, na área referente ao Falar do Sul, a classe do subfalar *paulista*; de Silva (2016), que identifica um eixo retroflexo centro-meridional; e de Romano (2018) que propõe uma releitura lexical e fonética das áreas dialetais brasileiras, são estudos que convergem para a necessidade de uma reinterpretação pluridimensional da geografia linguística do país.

Em diálogo com esses estudos e com os dados das cartas analisadas, propomos aqui uma divisão de base fonética em três grandes zonas articulatórias, que substitui a fronteira rígida Bahia–Minas–Rio por faixas de continuidade areal, de natureza fonética e espacial:

1. Zona litorânea - fricativa: i) engloba as capitais do Norte, Nordeste e a faixa costeira do Sudeste, até Vitória, com prolongamento pontual em Florianópolis; ii) caracteriza-se pela predominância de fricativas dorsais e glotais ([x], [h], [ɦ]), associadas à posteriorização articulatória do /r/ em coda externa e iii) configura um corredor costeiro contínuo, que unifica áreas tradicionalmente separadas por Nascentes (1953) e uma convergência fonética ao longo do litoral atlântico.
2. Zona interior - retroflexa e alveolar: i) abarca o Centro-Oeste, o Sul e parte do Sudeste (com destaque para São Paulo), onde predominam o tepe [r] e o retroflexo [ɾ]; ii) corresponde a um eixo longitudinal interno, cujas variantes formam um domínio não fricativo e iii) essa zona dialoga com o que Silva (2016) identificou ao tratar do /r/ retroflexo no Sudeste brasileiro.
3. Zona de transição: i) localiza-se nas capitais limítrofes entre os dois grandes domínios, como Goiânia, Belo Horizonte e Florianópolis, onde há sobreposição de variantes fricativas, alveolares e retroflexas; ii) representa áreas de mistura e difusão fonética, nas quais coexistem traços do corredor litorâneo e do eixo interior.

Referências

- AGUILERA, V. A. **Atlas lingüístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.
- AGUILERA, V. A.; SILVA, H. C. Dois momentos do /r/ retroflexo em Lavras-MG: no Atlas linguístico de Minas Gerais e nos dados do projeto do Atlas Linguístico do Brasil. **Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literários**. Rio de Janeiro, v. 8, 2011, p. 124-142.

AGUILERA, V. A. Léxico e áreas dialetais: o que podem demonstrar os dados do ALIB. **ANAIS - VI Congresso Internacional da ABRALIN / Dermeval da Hora (org.). - João Pessoa: Ideia, 2009. Vol. 2, p.4219-4233, 2009.**

AGUILERA, V. A.; KAILER, D. A. /R/ em coda silábica no Sul do Brasil: um estudo preliminar. In: KRAGH, V.; LINDSCHOUW, J. **Les variations diasystemiques et leurs interdependances**. Strasbourg: Société de Linguistique Romane, 2015. p. 89-101.

AGUILERA, V. A. Da divisão dialetal de Nascentes ao Atlas Linguístico do Brasil: os róticos em coda silábica interna nos subfalares do Sul do Brasil. In: RAZKY, Abdelhak; SFAR, Inès; SOUTET, Olivier; MEJRI, Salah. (Org.). **A variação nas línguas: universais compartilhados e idiomática dinâmica/ De la variation dans les langues: universaux partagés et idiomatité dynamique**. 1ed. Araraquara: Letraria, 2020, v. 1, p. 89-110.

AGUILERA, V. A.; ROMANO, V. P. As variantes para galinha d'angola: um estudo geossociolinguístico e lexical. In: Jacyra Andrade Mota; Silvana Soares Costa Ribeiro; Josane Moreira de Oliveira. (Org.). **Atlas Linguístico do Brasil: Comentários às Cartas Linguísticas**. 1ed.Londrina: EDUEL, 2023a, v. 3, p. 223-235.

AGUILERA, V. A.; ROMANO, V. P. Designativos para Tangerina. In: Jacyra Andrade Mota; Silvana Soares Costa Ribeiro; Josane Moreira de Oliveira. (Org.). **Atlas Linguístico do Brasil: comentários às Cartas Linguísticas**. 1ed. Londrina: EDUEL, 2023b, v. 3, p. 185-196.

AGUILERA, V. A.; ROMANO, V. P. Mandioca, Macaxeira ou Aipim? traços de brasilidade no léxico. In: Jacyra Andrade Mota; Silvana Soares Costa Ribeiro; Josane Moreira de Oliveira. (Org.). **Atlas Linguístico do Brasil: Comentários às Cartas Linguísticas**. 1ed. Londrina: EDUEL, 2023c, v. 3, p. 209-218.

AGUILERA, V. A.; CASTRO, V. S.; KAILER, D. A. Os róticos em coda externa e interna. In: Jacyra Andrade Mota; Silvana Soares Costa Ribeiro; Josane Moreira de Oliveira. (Org.). **Atlas Linguístico do Brasil: comentários às Cartas Linguísticas 1**. 1ed. Londrina: EDUEL, 2023, v. 3, p. 77-98.

ALTINO, F. C. **Atlas Linguístico do Paraná II**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2007.

AMARAL, A. **O dialeto caipira: gramática - vocabulário**. 1. ed. Casa Editora "O Livro". HUCITEC/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1920.

BARRETO, Érica; MASSINI-CAGLIARI, Gladis. O apagamento das consoantes róticas finais: um estudo comparativo entre o português arcaico e o português brasileiro. **Revista do GEL**, v. 16, n. 3, p. 79–100, 2019. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/1873>.

BRANDÃO, S. F. Nas trilhas do -r retroflexo. **Signum: Estudos da Linguagem**, v. 10, n. 2, Londrina, p. 265-283, dez. 2007.

BRESCANCINI, C.; MONARETTO, V. N. O. Os róticos no Sul do Brasil: panorama e generalizações. **Signum: Estudos da Linguagem**, v. 11, n. 2, Londrina, p. 51-66, 2008.

CALLOU, D. M. I. **Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro**. 1987. Rio de Janeiro: UFRJ/PROED, 1987.

CALLOU, D. M. I.; MORAES, J. A.; LEITE, Y. Variações e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In: KOCH, I. G. V. (org.). **Gramática do português falado**, v. VI: Desenvolvimentos. Campinas: Ed. Unicamp; São Paulo: FAPESP, 1996. p. 465-493.

- CALLOU, Dinah Isensee; BRANDÃO, Silvia Figueiredo; Caracterização de Áreas Dialectais no Português do Brasil: análise de duas variáveis, p. 97-122. **Rumos da linguística brasileira no século XXI - Vol. 1.** São Paulo: Blucher, 2016.
- CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A.; AGUILERA, V. A.; ARAGÃO, M. S. S.; ISQUERDO, A. N.; RAZKY, A.; MARGOTTI, F. W. **Atlas linguístico do Brasil.** v. 2. Cartas linguísticas 1. Londrina: EDUEL, 2014.
- CASTRO, V. S. **A resistência de traços do dialeto caipira:** estudo com base em atlas linguísticos regionais brasileiros. 2006. 285f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.
- CASTRO, V. S. **O ‘r caipira’ em Mato Grosso do Sul**—estudo baseado em dados do Atlas linguístico do Mato Grosso do Sul (ALMS). **Estudos Linguísticos**, v. 42, n. 1, São Paulo, p. 566 -575, 2013.
- CHAVES, M. L. H. A.; SEARA, Izabel Christine. Estudo sociofonético dos róticos no Vale de Itajaí em Santa Catarina. Estudo sociofonético dos róticos no Vale de Itajaí em Santa Catarina. **Caligrama.** Belo Horizonte. 2021. v. 26, nº 2, p. 241-265.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Projeto Atlas Linguístico do Brasil.** Questionários. Londrina: EDUEL, 2001.
- CUBA, M. A. **Atlas linguístico topodinâmico do território incaracterístico.** 2015. 2v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.
- FERREIRA, C.; **Atlas Linguístico de Sergipe.** Salvador: Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.
- HEAD, B. F. **O estudo do ‘r caipira’ no contexto social.** Revista de Cultura Vozes, v. 67, n. 8, São Paulo, p. 43-49, 1973.
- HEAD, B. F. **Propriedades fonéticas e generalidades de processos fonológicos:** o caso do r caipira. Cadernos de Estudos Linguísticos, n. 13, Campinas, p. 5-39, 1987.
- HORA, D. da; MONARETTO, V. O. Enfraquecimento e apagamento dos róticos. In: HORA, Dermeval; COLLISCHONN, Gisela. (Org.). **Teoria Linguística:** fonologia e outros temas. João Pessoa: Editora Universitária, 2003, v. , p. 114-143.
- HORA, D. da. Variação e mudança linguística: o /r/ em coda silábica no português do Brasil. In: OLIVEIRA, M. B.; HORA, D. (orgs.). **Estudos em variação linguística.** João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009. p. 89–118.
- HOWSON, Phil; KOCHETOV, Alexei. Gestural lenition of rhotics captures variation in Brazilian Portuguese. In: **Proceedings of Interspeech.** Hyderabad: ISCA, 2018. p. 1442–1446. Disponível em: https://www.isca-archive.org/interspeech_2018/howson18_interspeech.pdf
- MARROQUIM, M. **A língua do Nordeste:** Alagôas e Pernambuco. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934. Disponível em: <https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/103/1/.pdf>. Acesso em 25 de out. 2025.
- MARTINS, M. S. **Variação lexical em itens da vida urbana no Projeto Atlas Linguístico do Brasil.** Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2023.
- MENDES, R. B.; OUSHIRO, L. O paulistano no mapa sociolinguístico brasileiro. **ALFA,** São Paulo, 56 (3): 973-1001, 2012.

- MONARETTO, V. N. O. **A Vibrante: representação e análise sociolingüística**. Dissertação (Mestrado em Letras). Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 1992.
- MONARETTO, V. N. O. O status fonológico da vibrante. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, 1994.
- MONARETTO, V. N. O. Análise sociolingüística da vibrante no sul do país. **Graphos - Revista da Pós-Graduação em Letras/UFPPB**, 1997.
- MONARETTO, V. N. O. O apagamento da vibrante pós-vocálica na fala do sul do Brasil. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, 1999.
- MONARETTO, V. N. O. O apagamento da vibrante pós-vocálica nas capitais do sul do Brasil. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 35, n. março, p. 275-284, 2000.
- MONARETTO, V. N. O. A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre. In: Leda Bisol; Cláudia Brescancini. (Org.). **Fonologia e Variação: Recortes do Português Brasileiro**. 1ed. Porto Alegre: EDIPUC-RS, 2002, v. , p. 253-268.
- MONARETTO, V. N. O. Uma análise alternativa para a vibrante no português. **Organon (UFRGS)**, Porto Alegre, v. 36, 2003.
- MOTA, J. A.; JESUS, C. S. O /S/ em coda silábica. **Atlas Linguístico do Brasil: Comentários às Cartas Linguísticas**. 1ed. Londrina: EDUEL, 2023a, v. 3, p. 209-218.
- NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Simões, 1953 [1922].
- OLIVEIRA, D. P. (org.). **Atlas lingüístico do Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: EDUFMS, 2007.
- OUSHIRO, Livia e MENDES, Ronald Beline. **O apagamento de (-r) em coda nos limites da variação**. Veredas — Revista de Estudos Linguísticos, v. 18, n. 2, p. 251-266, 2014
Disponível em:
https://biblio.fflch.usp.br/Mendes_oapagamentodeRemcodanoslimitesdaVariacao.pdf.
Acesso em: 07 nov. 2025.
- RAMSAMMY, Michael. Rhotic Variation in Brazilian Portuguese. **Languages**, v. 9, n. 12, 364, 2024. DOI: 10.3390/languages9120364. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2226-471X/9/12/364>.
- RAZKY, A.; RIBEIRO, C. M. C.; SANCHES, R. D. **Atlas Linguístico do Amapá**. São Paulo: Labrador, 2017.
- RENNICKE, Iiris. Representação fonológica dos róticos do Português Brasileiro: uma abordagem à base de exemplares. In: **Scripta**, Belo Horizonte, v. 20, n. 38, p. 70-97, 1º sem. 2016.
- RIBAS, Marisa; SEARA, Izabel C. Variação rótica na fala catarinense: um estudo sociogeolingüístico. **Revista de Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 48, n. 1, p. 107–126, 2020.
- RIBEIRO, J.; ZÁGARI, M. R. L.; PASSINI, J. GAIO, A. **Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: MEC/Casa de Rui Barbosa/UFJF, 1977.
- RIBEIRO, S. S. C. **Brinquedos e brincadeiras infantis na área do Falar Baiano**. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) Universidade Federal da Bahia. 2012.
- ROCKENBACH, Francine; BATTISTI, Elisa. Do apagamento variável de /r/ em coda silábica no português de Porto Alegre (RS). **Cadernos de Linguística (ABRALIN)**, v. 2,

n. 2, p. 1-21, 2021. Disponível em:
<https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/426>

RODRIGUES, A. N. **O dialeto caipira na região de Piracicaba**. São Paulo: Ática, 1974.

ROMANO, V. P.; AGUILERA, V. A. Padrões de variação lexical na Região Sul a partir dos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. **Estudos Linguísticos** (São Paulo, 1978), v. 43, p. 575-587, 2014.

ROMANO, V. P.; AGUILERA, V. A. Contribuições do projeto ALiB para a busca de falares no Centro-Sul do Brasil. In: Andréia da Cunha Malheiros Santana; Joyce Elaine de Almeida. (Org.). **Pesquisas em Estudos da Linguagem**: Mestrado e Doutorado. 1 ed. São Paulo: Todas as Musas, 2024, v. 1, p. 163-184.

ROSSI, N. **Atlas Prévio dos Falares Baianos**. Rio de Janeiro: INL, 1963.

SANCHES; CAMARÃO. Perfil do fonema /R/ em coda silábica no falar amapaense. **Estudos Linguísticos e Literários**. nº 67, jul.-dez. 2020, Salvador: pp. 367-389, 2020.

SILVA, H. C. **O /r/ retroflexo no Triângulo Mineiro**: um estudo geossociolinguístico. In: ALTINO, F. C. (org.). **Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: nos caminhos de Vanderci de Andrade Aguilera**. Londrina: Midiograf, 2012. p. 283-304.

SILVA, H. C. **Nas veredas do /r/ retroflexo**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

SILVA, H. C. Mapeamento da variação de /R/, em coda silábica interna, na Região Sudeste: contribuições do QGIS. **Signum** [Londrina]: estudos de linguagem, v. 26, p. 62-77, 2023.

THUN, H. La géographie linguistique romane à la fin du XX^e siècle. In: **Actes du XXII^e Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes**. v. III. Bruxelles: Max Niemeyer Verlag, 1998, p. 367-388.

VEADO, R. M. A. **O comportamento lingüístico do dialeto rural**. Belo Horizonte: UFMG; PROED, 1982.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006 [1968]. Tradução: Marcos Bagno.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DOS DADOS DE PESQUISA

Este manuscrito utiliza dados fonéticos provenientes do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), especificamente aqueles que compõem as Cartas Fonéticas F04 do volume 2, relativos à realização dos róticos em coda silábica interna e externa nas capitais brasileiras. O ALiB trata-se de um projeto nacional cadastrado no CNPq e conduzido por uma rede de pesquisadoras e pesquisadores, cujos dados brutos não podem ser disponibilizados publicamente, uma vez que ainda passam por processos de revisão, organização e anonimização para garantir a proteção das informações dos participantes.

Os dados já publicados pelo ALiB encontram-se acessíveis no volume 2, organizado por por Cardoso et al. (2014), citada nas referências deste artigo.

CONTRIBUIÇÕES DE AUTORIA

As autoras, Vanderci de Andrade Aguilera e Helen Cristina da Silva, participaram conjuntamente da concepção do estudo, da revisão bibliográfica, da discussão teórico-metodológica e da interpretação dos dados. A seleção e análise das cartas fonéticas do ALiB, bem como a redação inicial do manuscrito, foram realizadas de forma colaborativa. Ambas revisaram criticamente o texto, aprovaram a versão final e se responsabilizam integralmente por seu conteúdo.

CONFLITO DE INTERESSE

As autoras declaram que não possuem interesses financeiros ou relações pessoais que possam ter influenciado o trabalho relatado neste artigo.